

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DA IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO DAS POLÍTICAS
PÚBLICAS NO CONHECIMENTO DA TEMÁTICA AO PROCESSO DE
IDENTIFICAÇÃO E INCLUSÃO DE ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

Angélica Regina Schmengler

Carolina Terribile Teixeira

Soraia Napoleão Freitas

Resumo: As altas habilidades/superdotação (AH/SD) é uma temática crescente, porém, mesmo com a preocupação pelo atendimento educacional especializado para esses alunos, muitas pessoas desconhecem o assunto e a necessidade de inclusão desses alunos nas escolas. Esse desconhecimento pode interferir, de maneira negativa, no processo de identificação de indicadores de AH/SD ou no acompanhamento pedagógico dessas crianças. O processo de identificação de AH/SD, realizado pelo projeto de pesquisa “Da Identificação à Orientação de Alunos com Características de Altas Habilidades/Superdotação” do Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social (GPESP), acontece por meio da aplicação dos questionários desenvolvidos por Freitas e Pérez (2012) que envolvem a percepção de professores, alunos e familiares/responsáveis. Dessa forma, esses questionários contemplam perguntas que auxiliam na confirmação das características das AH/SD. O presente trabalho embasa-se nos estudos teóricos de Freitas e Pérez (2012) e Renzulli (2004). Os resultados encontrados no processo de identificação de uma Escola Pública da cidade de Santa Maria, localizada no estado do Rio Grande do Sul - Brasil demonstram a necessidade de mais informações pelos professores, alunos e familiares sobre a temática. Assim, dentre os alunos indicados, na primeira etapa, apenas algumas crianças puderam ter o parecer final de indicadores de AH/SD.

Palavras-chaves: Educação Inclusiva. Altas Habilidades/Superdotação. Políticas Públicas. Processo de Identificação.

Introdução

As Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) é uma temática que, apesar de estar nos documentos legais, gera discussões nas escolas e na sociedade, pois a falta de informações sobre o assunto faz com que as pessoas percebam-na de maneira equivocada. A Lei 7.611, de 17 de novembro de 2011, no Art. 2º, diz que a educação especial deve garantir os serviços de

apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2011).

Dessa forma, percebe-se que os alunos com AH/SD são amparados pelos decretos, porém, alguns professores ainda desconhecem as características desses educandos, podendo ser criadas barreiras de preconceitos na aprendizagem dos mesmos. As deficiências e o transtorno do espectro do autismo são considerados casos mais acentuados, fazendo com que os profissionais da educação - professor da classe comum e educador especial – tenham seu trabalho voltado para facilitar a aprendizagem desses alunos. Assim, os alunos com AH/SD passam despercebidos, quando são identificados, algumas vezes não recebendo os estímulos necessários para desenvolver seus potenciais.

Esse descaso com os alunos com AH/SD talvez seja fruto da falta de conhecimento sobre o assunto. Muitos professores não percebem que esses educandos precisam ser estimulados e desafiados para a aprendizagem, pois, caso contrário, perdem a vontade de estar em sala de aula. Como os educandos com AH/SD podem apresentar comportamentos criativos e questionadores e os educadores podem não estar preparados para suprir as curiosidades destes, esses passam a ser vistos como alunos “problema” na escola.

A necessidade de informação é perceptível nas escolas, não apenas por parte de alguns professores, mas de toda comunidade escolar. Dessa forma, se reconhece que há uma falta de investimento do setor público em relação a cursos de formação, ou outras iniciativas que aproximem professores, funcionários da escola, pais e os próprios alunos das temáticas sobre educação, principalmente ao que diz respeito às AH/SD.

Compreende-se que essa falta de incentivo pelo conhecimento da comunidade escolar sobre a temática da educação especial, especificamente as AH/SD, reflete numa visão errônea sobre o assunto. Assim, os mitos se fazem presentes, dificultando uma maior compreensão sobre o verdadeiro significado do que é ser um aluno com AH/SD.

Percebe-se que, ao promover cursos de formação para a rede de ensino que abordem a educação especial, o foco geralmente gira em torno dos alunos público-alvo da educação especial que apresentam alguma deficiência e/ou transtorno. Sendo que se considera necessário que os professores recebam formação adequada para compreender os alunos que são público-alvo da educação especial ou não, dentro de suas especificidades. Assim, será possível um caminho para a promoção da educação inclusiva.

Dessa maneira, esse estudo contou com uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, em que foram buscadas leituras sobre as AH/SD e a inclusão desses alunos. Aliado aos referenciais teóricos, a pesquisa traz relatos de experiência acerca do processo de identificação das AH/SD nas escolas públicas e privadas de Santa Maria/RS, especificamente numa escola estadual dessa mesma cidade. Assim, a escrita ocorreu através da reflexão sobre a prática vivenciada pelos integrantes do GPESP, somada às teorias que contribuem nos estudos do grupo.

Assim, o objetivo dessa produção é discutir sobre a importância das políticas públicas, locais e nacionais, promoverem ações que aproximem a comunidade escolar - professores, pais, alunos e funcionários – do conhecimento acerca das AH/SD, para que o processo de identificação e inclusão desses alunos seja de qualidade dentro das escolas.

1 As ações do GPESP do desconstruir dos mitos à identificação e inclusão dos alunos com altas habilidades/superdotação

As ações desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) visam oportunizar informações aos profissionais da educação sobre as AH/SD. Para isso, o grupo tem como referência o Projeto de pesquisa “Da Identificação à orientação de alunos com características de Altas Habilidades/Superdotação”, em que é realizado o processo de identificação de indicadores de AH/SD com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas da rede pública e privada da cidade de Santa Maria/RS.

Ressalta-se que o processo de identificação ocorre através do preenchimento dos questionários desenvolvidos por Freitas e Pérez (2012): Lista de Verificação de Identificação de Indicadores de altas habilidades/superdotação (LIVIAH/SD); Questionário para Identificação de Indicadores de altas habilidades/superdotação, sendo um para o responsável (QIIAHSD-R), outro para o professor (QIIAHSD-Pr); Autonegação e nomeação pelos colegas, estes últimos, são realizados com os alunos.

Antes de dar início às etapas de identificação, os integrantes do grupo, que são bolsistas de iniciação científica e pós-graduandos dessa mesma universidade, contatam a escola para verificar o interesse em participar do projeto. Após, são realizados encontros informativos sobre o assunto.

Quando entram em contato com as escolas, os acadêmicos percebem a iminência por saberes significativos sobre o tema. Logo, deparam-se com mitos e preconceitos que fazem com que os professores recusem-se a participar do processo de identificação ou, então, aceitem, mas ainda com muitas dúvidas em relação ao tema. No primeiro momento, é realizada uma conversa informativa com todos os profissionais da educação dos anos iniciais do ensino fundamental. Após, verifica-se o interesse pela participação desses educadores no processo de identificação dos alunos com AH/SD.

Nesse contato inicial, é possível verificar alguns questionamentos e apontamentos de que a AH/SD é associada a seres geniais, que produzem algo para a sociedade. Dessa maneira, consideram que as crianças, por estarem inseridas num ambiente menos favorecido economicamente, ou por não apresentarem exibições fantásticas na área em que se destacam, não irão apresentar indicadores de AH/SD.

Aos poucos, esse pensamento vai sendo desconstruído, por alguns profissionais, afinal são realizados encontros informativos com os professores que aceitam que seja desenvolvido o processo com a sua turma. O número desses encontros varia conforme a necessidade de levar os professores a conhecerem sobre o assunto e também da disponibilidade dos mesmos.

Em relação aos responsáveis pelas crianças e adolescentes que participam do processo de identificação, também são realizadas conversas informativas, em que se busca desconstruir os mitos que permeiam a temática, além de informá-los a respeito da mesma. É perceptível, através das conversas que alguns pais temem que seus filhos sejam identificados, pois acreditam que as AH/SD seja algo ruim. Porém, outros pais demonstram empolgação, esperando que o filho tenha AH/SD para que seja visto como o aluno inteligente.

Pais e professores têm alguns pontos de vista semelhantes, sendo que o mais comum é o desconhecimento de como identificar o potencial das crianças com altas habilidades e quais os procedimentos mais adequados para atender às suas necessidades sociais e emocionais diferenciadas. (SABATELLA, 2007, p. 143)

Muitas questões que circundam a identificação desses alunos estão voltadas para a carência do saber sobre o que significa ter AH/SD, como estimular esses alunos e suas representações para os professores, familiares e a própria criança ou adolescente com essas características. Por isso, acredita-se na importância de se levar informação sobre o tema das AH/SD até as escolas, abrangendo toda a comunidade escolar.

1.1 Os reflexos da necessidade de informação na comunidade escolar no contexto das AH/SD

A inclusão, no século XXI, permitiu que os alunos, que eram segregados e deixados à margem da sociedade, pudessem estar presentes nas salas de aula comum. Dessa maneira, os alunos público-alvo da educação especial mexeram com a estrutura e o pensamento da comunidade escolar. No entanto, nem todas as pessoas reconhecem os direitos desse público e desconhecem muitas deficiências, síndromes e as AH/SD.

Sabe-se que todo ser humano tem direito à educação e ao seu desenvolvimento integral, independente de suas limitações. Todo aluno deve ser estimulado para que suas potencialidades sejam reconhecidas e desenvolvidas. Através dos estímulos, o professor consegue reconhecer os potenciais de seus alunos. Caso contrário, o educando pode ter seu talento reprimido. Assim, muitas crianças não têm a oportunidade de explorar suas potencialidades em seus anos iniciais de vida e seus talentos podem ficar escondidos ainda durante os anos escolares e, às vezes, por toda a sua vida, conforme Virgolim (2007).

O desconhecimento das AH/SD inicia no processo formativo dos profissionais da educação. Muitos professores, vão para as escolas, desconhecendo o verdadeiro significado de aluno com AH/SD, pois tiveram pouco, ou nenhum, contato com a abordagem nas disciplinas da graduação. Logo, diz-se que o tema das altas habilidades/superdotação é ainda pouco discutido em nossas universidades, o que produz uma lacuna na formação dos professores. Muitos saem de seus cursos sem terem a oportunidade de conhecer esta área tão importante do desenvolvimento da criança, de acordo com as palavras de Virgolim (2007).

Dessa maneira, não se pode culpar os professores pela falta de informação sobre o assunto. No entanto, esse fato não é justificativa para não contribuir com uma educação de qualidade estimuladora de potenciais. Afinal, muitos profissionais da educação demonstram querer aprender sobre o assunto, para desenvolver uma prática diferenciada com seus alunos. Assim, verifica-se a vontade pelo saber, existindo, então, a necessidade de uma formação continuada, em que os educadores possam ter o aprendizado sobre as AH/SD, identificando a importância de um trabalho enriquecedor com seus educandos.

Porém, mesmo que as políticas públicas reconheçam os direitos dos alunos com AH/SD ainda é limitante o contato com cursos de formação que contribuam para os saberes dos professores sobre o assunto. Normalmente são oportunizados poucos cursos sobre a temática. Muitas vezes, há cursos voltados para a educação especial, porém se limitam às

deficiências e síndromes, dando menor importância às AH/SD. Outro fator que pode contribuir para essa falta de acesso é que muitos profissionais, devido à carga horária, que chega a ser de quarenta ou sessenta horas, não conseguem organizar seus horários ou, ainda, não são liberados para participarem dos mesmos.

Quando se fala em alunos com AH/SD, não são apenas os professores que desconhecem o termo, mas os pais ou responsáveis por esses educandos. Talvez, esse desconhecimento seja ainda maior e as consequências dos mitos seja mais significativo no contexto familiar. Os pais podem ocasionar uma cobrança maior do que a criança pode suportar, fazendo com que ela mesma se pressione e se deprima diante de algum fracasso. De acordo com Virgolim (2007, p. 10):

Para os pais, o desconhecimento é ainda maior, uma vez que nossa sociedade ainda trata este tema como tabu. A mídia, muitas vezes, nos dá uma idéia estereotipada sobre a superdotação, vista principalmente sob a ótica da pessoa academicamente precoce e capaz de feitos maravilhosos. O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isto provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis das histórias em quadrinhos que, com seus poderes sobrenaturais, as fazem se sentir diferentes dos demais.

Um reflexo disso na educação de alunos com AH/SD pode ser a existência de poucos estímulos e incentivo a desenvolver suas habilidades, suas áreas de interesse. E isso está intrinsecamente relacionado à forma como os professores e familiares veem esse aluno porque, se os mesmos não acreditam nas suas potencialidades, podem deixar de proporcionar o atendimento educacional especializado a que esse público tem direito, assim como, de promover atividades de enriquecimento de suas habilidades como o modelo proposto por Renzulli (2004).

Se o processo de inclusão dos alunos com AH/SD não acontece ou é deficitário pode acarretar no desestímulo escolar desses alunos. Perante isso, Sabatella (2007, p. 146) comenta que “ao perceber essa realidade, a frustração ou a insatisfação trazem o risco de que assumam uma atitude de adversários da escola, com atitudes e sentimentos que, observados pela criança, podem interferir negativamente na sua motivação”. Essa reação ocasiona dificuldades no meio escolar tanto individualmente quanto ao grupo de que esse aluno faz parte. Por isso, é importante que a escola e a família trabalhem juntas na cobrança por políticas públicas que oportunizem informações e condições para uma educação inclusiva e de qualidade, capaz de estimular os alunos com AH/SD.

1.2 Educação inclusiva para alunos com altas habilidades/superdotação

O processo de inclusão ganhou força no país a partir da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e nela estão firmados os direitos dos alunos público-alvo da educação especial, dentre eles os alunos com AH/SD. O processo que envolve a educação inclusiva para esse público enfrenta dificuldades como os mitos e desconhecimento que circundam a temática. Entretanto, com a realização de pesquisas e projetos sobre o tema, esse quadro pode ser alterado, gerando novas perspectivas.

Neste viés, destaca-se a importância da oferta do atendimento educacional especializado para esses alunos, conforme Pereira e Guimarães (2007, p. 163):

A oferta de um atendimento educacional a alunos com altas habilidades tem sido cada vez mais compreendida como importante fator de estímulo ao desenvolvimento de diferentes capacidades. Esse fato tem como base o reconhecimento de que, por maiores que sejam as habilidades individuais, são necessárias oportunidades de atendimento adequadas para que os alunos otimizem plenamente seus potenciais (PEREIRA; GUIMARÃES, 2007, p. 163).

Os alunos com AH/SD necessitam de atendimento e de estímulos que potencializem suas habilidades. Freitas e Negrini (2014) salientam que são restritos os alunos com AH/SD que são reconhecidos em suas escolas e que menor ainda é o número dentre esses alunos que recebem o atendimento nas salas de recursos multifuncionais. Ressaltam a necessidade dos professores perceberem esses alunos nas suas escolas, salas de aula e procurar compreender as necessidades deles. A promoção de uma educação inclusiva para alunos com AH/SD vai além de proporcionar o atendimento educacional especializado, mas também,

[...] alguns professores oportunizam modificações curriculares iniciais que, adotadas em salas de aula, permitem estratégias de flexibilização ou adaptação de rotinas, reestruturação de currículos, atividades pedagógicas diferenciadas e clima favorável à aprendizagem. (PEREIRA; GUIMARÃES, 2007, p. 164).

É necessário que o currículo das escolas passe por reformulações e torne-se mais flexível para atender às necessidades, especificidades dos alunos que a elas estão chegando e que lá já se encontram. Essa flexibilização abrange e busca atender a todos os alunos, não apenas os que são público-alvo da educação especial, como os alunos com AH/SD, pois, possibilita que sejam respeitados no seu processo de aprendizagem, conforme a sua individualidade.

A proposta de educação inclusiva traduz uma aspiração antiga, se devidamente compreendida como educação de boa qualidade para todos e com todos buscando-se meios e modos de remover as barreiras para a aprendizagem e para a participação dos aprendizes, indistintamente. (CARVALHO, 2014, p. 64)

Ainda, encontram-se resistências frente à educação inclusiva por parte dos professores e, também, de pais e alunos. No que diz respeito aos alunos com AH/SD, isso pode ter relação ao despreparo e desconhecimento dos professores em como atender a esses alunos em sala de aula e ao desconhecimento dos pais sobre a temática. Outro fato é que o aluno com AH/SD pode não querer expor-se, temendo o preconceito expressado por demais colegas. Essas são algumas situações de resistência que podem ser encontradas no espaço escolar, em relação aos alunos com AH/SD, mas que, com informação adequada de fonte confiável e também por meio de conversas informativas promovidas por acadêmicos que pesquisam essa temática, podem ser superadas.

A escola começa a realizar uma prática de educação inclusiva a partir do momento em que compreende o público atendido por ela. Assim, é capaz de se preparar para oportunizar um trabalho de qualidade que proporcione acesso, permanência no ambiente escolar de forma a viabilizar uma aprendizagem significativa para esses alunos. No caso dos alunos com AH/SD, é imprescindível que sejam estimulados a desenvolver suas potencialidades e a participarem de atividades que permitam o contato com seus pares, bem como de atividades de enriquecimento. Ainda, é necessária a participação no atendimento educacional especializado, para que se efetive uma inclusão humanizadora.

2 Resultados

O trabalho de realização do projeto de identificação dos alunos com AH/SD, no ano de 2014, foi realizado em uma escola estadual de um bairro da cidade de Santa Maria/Rio Grande do Sul. A escola aceitou participar do processo de identificação realizado pelo referido projeto e possibilitou que fossem evidenciados diversos fatores que permeiam a temática das AH/SD, seu processo de identificação e inclusão.

Na escola, foi perceptível a angústia dos professores em relação ao não conhecimento sobre o assunto, identificando o sujeito com AH/SD como o ser genial, mostrado pelas mídias. A troca entre as profissionais da educação e as acadêmicas possibilitou verificar o interesse, de muitas educadoras, por políticas que possibilitassem a discussão sobre as AH/SD nas escolas.

Quando a criança está em processo de identificação, e os pais são contatados para o preenchimento dos questionários dos responsáveis, a falta de informação pode gerar um desconforto ou uma expectativa em relação ao filho. No primeiro momento, as feições nos rostos dos pais são diversas: incerteza, preocupação, insegurança, otimismo, credibilidade.

Assim, na escola em que ocorreu a identificação, os familiares dos alunos indicados demonstravam que não sabiam o que era as AH/SD e o que isso significava para o (a) filho (a). Muitos se perguntavam sobre como seria se os filhos fossem identificados com indicadores de AH/SD, bem como sobre os benefícios que teriam.

No segundo momento, foram encaminhados bilhetes, aos responsáveis, sobre as reuniões para o processo de identificação, porém, nem todos compareceram. Assim, a ausência nesses encontros, dificultou o trabalho das acadêmicas, pois, como a identificação é um processo constituído pelo preenchimento dos questionários de alunos, professores e pais, não é possível fazer a identificação sem o questionário dos pais estar respondido.

A pouca participação na etapa do preenchimento dos questionários dos responsáveis e a possível ocorrência de uma interpretação equivocada das perguntas, refletindo em respostas distintas, pode prejudicar a identificação de indicadores de AH/SD. Afinal, perceber a criança por um viés diferente do que está sendo indagado no questionário pode fazer com que muitas potencialidades não sejam reconhecidas. Assim, foi possível identificar alunos com indicadores de AH/SD, porém alguns dos educandos que passaram pelas etapas da identificação, ficaram com o processo pendente devido ao não preenchimento do questionário dos responsáveis.

Compreende-se que, se o professor e os pais tivessem um maior entendimento sobre a temática, o processo de identificação poderia ter um número mais significativo de alunos identificados. Afinal, os mitos a respeito das altas habilidades/superdotação e das pessoas com estas características inúmeras vezes dificultam a sua identificação, assim como um atendimento diferenciado que atenda suas necessidades, conforme Negrini e Freitas (2008). Essa afirmativa é pertinente, pois, como se sabe, o aluno com AH/SD não é um gênio, mas sim, um sujeito com grande potencial em uma ou mais áreas, que precisa de estímulos para desenvolver suas habilidades. Para isso, faz-se importante a identificação desses alunos, assim como, o seu encaminhamento para o atendimento educacional especializado, buscando promover uma prática de educação inclusiva.

Conclusão

A realização deste trabalho possibilitou que, ao realizar o processo de identificação, fossem observados, na prática, diversos fatores que influenciam tanto na identificação como no atendimento dos alunos com AH/SD. Os mesmos apareceram na fala e comportamento de professores e pais de forma mais enfática, ficando explícita a falta de conhecimento sobre o tema, abrindo margem para a propagação de mitos e preconceitos. Dessa forma, esses fatores, encontrados na situação do processo de identificação de alunos com AH/SD, fomentaram as discussões abordadas no presente artigo.

Presente a situação encontrada, confirmou-se o quão é importante o conhecimento das características desses sujeitos para que as respostas sejam fidedignas e contribuam para a identificação dessas crianças. Esse fato reforça a necessidade das Políticas Nacionais e locais promoverem ações que oportunizem a comunidade escolar, composta pelos professores, alunos e familiares, entrar em contato com o conhecimento na área da educação especial de diferentes formas, seja através de palestras, cursos, eventos, entre outros.

Percebeu-se que, dentre as professoras que assinaram o termo de participação no processo, algumas apresentavam pensamentos errôneos acerca do assunto. A maioria dos pais e responsáveis não sabiam da existência da AH/SD, ou então, apenas tinham conhecimento do termo, mas desconheciam o seu significado. Mesmo professores e pais tendo participado das conversas informativas sobre AH/SD, ainda estavam muito fortes e presentes a insegurança e falta de compreensão sobre o tema. Esse fato reforça a demanda de divulgação, esclarecimento e formação sobre as AH/SD de forma mais abrangente.

Constata-se que se demandados mais investimentos na formação de professores, na parceria entre escola e sua comunidade, os processos de identificação de alunos com AH/SD teriam maior abrangência, o que poderia contribuir para a promoção da inclusão desses alunos. Mas, para isso, também é preciso que a escola e seus professores estejam disponíveis a estudar sobre o tema AH/SD e atender esses alunos conforme suas necessidades, visando potencializar suas habilidades. Assim, poderemos desenvolver um caminho para a prática da educação inclusiva para alunos com AH/SD.

Referências

- BRASIL. Lei N°.7.611, de 17 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm> Acesso em: 08 abr. 2015.
- CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 10 ed. 2014.
- FREITAS, S. N.; NEGRINI, T. Inclusão e acessibilidade: reflexões sobre a singularidade dos estudantes com altas habilidades/superdotação. In: PIECZKOWSKI, T. M. Z.; NAUJORKS, M. I. (orgs). **Educação, inclusão e acessibilidade**: diferentes contextos. Chapecó: Argos, 2014.
- FREITAS, S. N. & PÉREZ, S. G. P. B. **Altas Habilidades/Superdotação**: atendimento especializado. Marília: ABPEE, 2012.
- VIRGOLIM, A. M. R.. **Altas habilidades/Superdotação: encorajando potenciais**. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2007.
- NEGRINI, T.; FREITAS, S. N. A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes. In: **Revista Educação Especial** n. 32, p. 273-284, 2008, Santa Maria. Disponível em: <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/103/76>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- PEREIRA, V. L. P.; GUIMARÃES, T. G. Programas educacionais para alunos com altas habilidades. In: FLEITH, D. de S. **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades**: orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- RENZULLI, J. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. In: **Revista Educação**, Porto Alegre, ano 27, n. 1, v. 52, jan./abr. 2004.
- SABATELLA, M. L. P. Atendimento às famílias de alunos com altas habilidades. In: FLEITH, D. de S. **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades**: orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007.